

# RIAZANOV, EDITOR DE MARX, DISSIDENTE VERMELHO<sup>1</sup>

Nicolas González Varela<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo ressalta o papel de Riazanov como editor de Marx, tratando das dificuldades fáticas que teriam nascido com o próprio marxismo e que levaram como um estigma até os nossos dias, o acesso e o conhecimento apropriado da obra de Marx: as enormes dificuldades para estabelecer e editar, com critérios científicos atualizados, suas obras completas. O texto trabalha as constatações de Boris Nicolaievski e Antonio Labriola, que estavam convencidos de que a Marx sempre estaria reservado um destino de más leituras, de infinidades de equívocos, de péssimas exegeses, de pretextos estranhos e de invenções gratuitas. Estes autores acreditavam que a obra marxiana aguardava uma sina pior: encarnar-se como ortodoxia em partidos e futuros Estados que proclamariam retoricamente ser nada mais do que sua “obra viva”.

**Palavras-chave:** Riazanov. Marxismo. Nicolaievski. Labriola.

## Marx: esse desconhecido

Um grande biógrafo de Marx, Boris Nicolaievski, reconhecia em 1937 que de cada mil socialistas talvez só um lera uma obra de Marx; e de cada mil antimarxistas, nenhum. Quarenta anos antes, em 1897, um grande teórico e militante - falo do italiano Antonio Labriola - se perguntava se os trabalhos de Marx haviam sido lidos inteiramente por algum leitor afastado do grupo íntimo de seus amigos, colaboradores e testamentários. Concluía profeticamente se “esse ambiente literário”, essa situação hermenêutica adversa não era um dos culpados da má assimilação da aparente decadência e crise do pensamento de Marx. Com pessimismo recapitulava em sentença inspirada: não seria o acesso adequado aos seus escritos um privilégio de “iniciados”? Nicolaievski e Labriola – não só eles – estavam convencidos de que a Marx sempre estaria reservado um destino de más leituras, de infinidades de equívocos, de péssimas exegeses, de pretextos estranhos e de invenções gratuitas. Mas acreditavam que aguardava à obra marxiana uma sina pior: encarnar-se como ortodoxia em partidos e futuros Estados que proclamariam retoricamente ser nada mais do que sua “obra viva”.

---

<sup>1</sup> Traduzido de “Riazanov, editor de Marx, disidente rojo”, publicado em <http://www.rebellion.org/>. Tradução de Antonio Roberto Bertelli.

<sup>2</sup> Jornalista e escritor, autor de *Cuaderno Spinoza de Marx* (Montesinos, Barcelona, 2012).

Labriola salientava outro obstáculo, ainda mais profundo e arriscado: a própria raridade dos trabalhos de Marx e sua impossibilidade de contar com edições confiáveis. O leitor intrépido devia passar, segundo Labriola, por condições mais extremas do que a de qualquer filólogo ou historiador para estudar documentos de Antiguidade. Por experiência própria se perguntava:

Há muita gente no mundo que tenha a paciência suficiente para andar durante anos [...] na busca de um exemplar da *Misère de la philosophie* [...] ou daquele livro singular que é *Heilige Familie*; gente que esteja disposta a suportar, para dispor de um exemplar da *Neue Rheinische Zeitung*, de mais cansaço do que aquele que tem que passar em condições ordinárias de hoje em dia qualquer filólogo ou historiador para ler e estudar todos os documentos do antigo Egito? <sup>3</sup>

Mas salientava um perigo enorme, de mais longo alento e densidade: o *daemon da vulgarização*:

[...] como podemos nos espantar que muitos e muitos escritores, sobretudo publicistas, tenham tido a tentação de tomar críticas de adversários, ou citações incidentais, ou arriscadas inferências baseadas em passagens soltas, ou recursos vagos os elementos necessários para construir um marxismo de sua invenção e à sua maneira?

Aqui somente constatava uma dificuldade fática que nasceu com o próprio marxismo e que levou como um estigma até os nossos dias: as enormes dificuldades para estabelecer e editar, com critérios científicos atualizados, suas obras completas. Labriola reclamava do SPD,<sup>4</sup> de posse dos manuscritos (*Nachlass*), que

seria um dever do partido alemão fazer uma edição completa e crítica de todos os escritos de Marx e Engels; quero dizer, uma edição acompanhada a cada passo de prefácios descritivos e declarativos, índices de referência, notas e remissões [...] Terá que acrescentar aos escritos já publicados na forma de livros ou de opúsculos, os artigos de periódicos, os manifestos, as circulares, os programas e todas as cartas que, por serem de interesse público e geral, tenham uma importância política ou científica.

Ao terminar, dizia não haver escolha a ser feita: há que se colocar ao alcance dos leitores toda a obra científica e política, toda a produção literária dos

---

<sup>3</sup>*Discorrendo di socialismo e di filosofia*, Carta II.

<sup>4</sup> Trata-se do Sozialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Social-Democrata da Alemanha), que, através principalmente de Karl Kautsky e Eduard Bernstein, como testamentários intelectuais, ficara como depositário da grande maioria dos manuscritos de Marx e Engels (nota do tradutor).

fundadores [...] inclusive a ocasional. E não se trata tampouco de reunir um *Corpus Iuris* nem de redigir um *Testamentum juxta canonem receptum*, mas de recolher os escritos com cuidado e para que eles mesmos falem diretamente a quem tenha gana de lê-los.

Simplesmente que Marx pudesse falar diretamente... Além do mais reconhecia que a própria vida lhe impedira de escrever suas obras segundo os cânones da arte de *faire le livre*, pelo que sua literatura era constituída de fragmentos de uma ciência e de uma política em constante devir. O marxismo, se existe algo que possa se chamar assim, era eminentemente um sistema aberto. Labriola já marcara com suficiente clareza não só os critérios de uma política editorial, mas os problemas materiais objetivos que os *Nachlass* de Marx (e de Engels) carregavam. A aposta de seu desafio editorial seria aceita não pelo partido-guia do Ocidente, mas por um jovem Estado em plena guerra civil: a Rússia dos soviets.

### **Um editor opositor de Lenin, inimigo de Stalin**

A Primeira Guerra Mundial de 1914-1918 – somada à revolução triunfante na Rússia em outubro de 1917 -- provocou um parêntese forçado e prolongado na difusão inicial, ainda lenta, tímida e manipulada do Marx secreto. Mas já no trabalho editorial realizado pelo SPD se começou a ver, de forma às vezes grosseira, a manipulação e a tergiversação que podiam sofrer os manuscritos marxianos quando os seus conteúdos se cruzaram com os estreitos interesses da “razão de partido”, e como na alquimia final se perdia, não só o próprio pensamento de Marx, mas os seus potenciais leitores e militantes. O certo que é que em 1910 no âmbito cultural do austromarxismo havia começado a se discutir o projeto das obras completas de M&E (os socialdemocratas austríacos já tinham começado a publicar uma revista de marxologia de enorme importância, a *Marx-Studien*, publicada entre 1904 e 1923, em Viena). Max Adler, Otto Bauer, Adolf Braun, Rudolf Hilferding e Karl Renner, os luminares marxistas do austromarxismo, se reúnem em Viena, durante a famosa *Konferenz* de janeiro de 1911, com Riazanov, um socialdemocrata russo, então colaborador do arquivo de Berlim do SPD. A carta-intenção do plano aparece assinada em Viena, em 1º de janeiro de 1911, por Adler, Bauer, Braun, Hilferding, Renner, todos austromarxistas, e N. Riazanoff. Ali se estabelecem pela primeira vez as primitivas linhas editoriais de uma edição científica de Marx e também os primeiros problemas: quem financiará semelhante empresa

editorial? O SPD não estava absolutamente interessado. No horizonte aparecia a necessidade técnico-financeira de edições populares, ao estilo da futura *Werke*. Os preparativos foram interrompidos pela eclosão da grande guerra. Mas se começava a perceber certa sensibilidade nascida da necessidade de se ter uma edição completa e confiável dos escritos de Marx.

Depois do triunfo e da consolidação da revolução bolchevique, a sorte dos escritos de Marx parece que seria tocada, pela primeira vez, pela deusa Fortuna. Todo o potencial de um Estado se identifica com sua obra e coloca à disposição de sua difusão todos os recursos a seu alcance. O novo Estado poria um ponto final no caprichoso derrotismo dos manuscritos de Marx e publicaria sua obra póstuma numa edição completa, científica, objetiva, crítica e a preços populares? O homem que podia assumir com seriedade profissional, honestidade intelectual e eficácia essa tarefa dentro do Partido Social-Democrata Russo, já que seus trabalhos anteriores e seu passado intelectual o qualificam de maneira indubitável para ser o cérebro editorial de tal empresa, era sem dúvida um judeu-ucraniano: David B. Goldendach, *nome de guerre*: Riazanov, Ryazanoff ou Budoved.

### **Rússia, 1921: a pré-história de um marxismo aberto**

Com Lenin em vida e a guerra civil terminada, e com o domínio do sistema de partido único a partir de 1918, durante o IX Congresso do PCR(b), Partido Comunista Russo, um homem da velha guarda declara: “O parlamento inglês pode tudo, exceto mudar um homem em uma mulher. Nosso Comitê Central é muito poderoso: já mudou mais de um homem revolucionário em uma boa mulher, e o número de boas mulheres se multiplica de modo inacreditável.” Em 1922, o mesmo homem se opõe publicamente à pena de morte no caso da execução sumária de militantes social-revolucionários ou de militantes socialistas. Quem era esse louco audaz? Odessa, essa grande cidade autônoma e cosmopolita na Ucrânia, na qual, nas palavras de Pushkin, “se pode cheirar a Europa, se pode falar francês e encontrar imprensa européia”, viu nascer a David Zimkhe Zelman Berov Goldendach no seio de uma família judia abastada, em 10 de março de 1870. A cidade era o lar de uma numerosa comunidade judia (no censo de 1897 ela compreendia 37% da população). Cidade de tristes pogroms czaristas (1821, 1859, 1871, 1881, 1905). Cidade de suporte econômico-cultural do sionismo. David, *dit* Riazanov, foi uma das figuras mais capacitadas, comprometidas e relevantes dos

primeiros tenos anos da história soviética. Excêntrico, com uma excepcional memória, uma personalidade volátil e romântica, imbuído de uma capacidade de trabalho ilimitada. Um velho amigo, Steklov, o recorda “sempre lendo, em qualquer lugar: quando caminhava, em companhia de outros, ceando”. Trotski o definia como “organicamente incapaz de covardia, ou de tolices”, acrescentando que “toda falsa ostentação o repugnava”. Opositor freqüente das posições de Lênin (se considerava um bolchevique não-leninista) ou do poderoso Stálin (a quem interrompeu em plena campanha contra Trótski, num congresso, com um “Deixa disso, Koba. Não caia no ridículo. Todo mundo sabe muito bem que a teoria não é o teu forte.”). Lunacharski chamava Riazanov de “indiscutivelmente o homem mais culto de nosso partido”, mas tão independente e autônomo que John Silas Reed o descreve como um homem-fração, “as a bitterly objecting minority of one”.

David foi revolucionário desde a adolescência, vivendo grande parte de sua juventude na prisão, deportado e no exílio. Aos 14 era “correio secreto” dos populistas; aos 16 anos, foi excluído do liceu por insuficiência em grego antigo. É preso pela primeira vez em 1887. Na duras condições das prisões tzaristas organiza a vida dos prisioneiros políticos em torno de três coisas: ginástica (pela manhã e à tarde), proibição de fumar e turnos de estudo (durante os quais é proibido fazer barulho). Na prisão prepara leituras de Marx e traduz os escritos do economista David Ricardo. Em 1890, já no exílio europeu, com vinte anos, participa como representante russo do Congresso de Bruxelas da Segunda Internacional e estabelece relações pessoais e políticas com os luminares do socialismo europeu: August Bebel, Karl Kautsky, Eduard Bernstein, Rudolf Hilferding, Charles Rapoport, inclusive com a filha de Marx, Laura, e seu marido, Paul Lafague. A necessidade o obriga a falar várias línguas (alemão, francês, inglês; de forma respeitável, se faz entender em polonês e italiano).

No famoso congresso do PSDOR, em 1903, na Bélgica, que leva à cisão entre bolcheviques e mencheviques, Riazanov critica o novo sectarismo de Lênin, o fetiche antidemocrático do “centralismo democrático” e as tendências organizativas antidemocráticas. Fora das duas tendências, organiza um grupo próprio e autônomo das finanças da Segunda Internacional e luta para construir um partido socialista copiado do modelo alemão.

Retorna à Rússia em 1905, passando a militar nas organizações dos trabalhadores metalúrgicos de São Petersburgo. Em 1907 é preso, no fluxo da revolução de 1905, e retoma, uma vez mais, o caminho do exílio europeu. Nos dez anos seguintes viverá no

Ocidente e se dedicará, no interstício de sua vida de militante, a investigar e a escrever sobre a história do anarquismo, do socialismo e do movimento operário europeu. Escreve na revista teórica do SPD, dirigida por Kautsky, *Die Neue Zeit*; escreve na revista teórica da socialdemocracia austríaca, dirigida por Bauer, Braun e Renner, *Der Kampf* (onde traduziam o nosso trágico Julián Besteiro). Uma importante relação de afeto e militância que fez nesses tempos duros foi com o pai do austromarxismo, Carl Grünberg, fundador do injustamente esquecido *Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung*, conhecido simplesmente como o “Grünberg Archiv”. Grünberg (1861-1940), austro-rumeno, foi o primeiro marxista a ocupar uma cátedra numa universidade do império alemão. O *Archiv* foi editado entre 1910 e 1930, saindo quinze números, e acabou paradoxalmente com o surgimento da *Zeitschrift für Sozialforschung*, de Horkheimer, cuja orientação mudou por completo para se “aggiornare” ao nacional-socialismo. Na revista editada pelo Institut für Sozialforschung (a depois famosa “Escola de Frankfurt”, fundada em 1923 pelo próprio Grünberg) escreveram notáveis teóricos da nascente sociologia, como Robert Michels ou Franz Oppenheimer, economistas como Henryk Grossmann, filósofos marxistas como Rodolfo Mandolfo, eminentes juristas como Hans Kelsen, até Kautsky, Mehring e o próprio Riazanov (como Rjasanoff: por exemplo, em 1916, apresentando uma carta inédita de Jacoby a Marx). Korsch, Lukács, Max Adler e Friedrich Adler. Biógrafos e historiadores como Max Nettlau, Gustav Mayer e Boris Nicolaievski contribuíram em suas páginas, indicando numerosos pontos de contato com a origem do “marxismo ocidental” ou não-leninista e o trabalho de difusão dos escritos de Marx.

Riazanov adquire a merecida reputação de ser uma das mais autorizadas vozes sobre Marx, Engels e a história do marxismo. Seus principais trabalhos dessa época são sobre Marx e a Rússia czarista, Marx e o trabalho jornalístico, Engels e questão polonesa, a maioria deles publicada em alemão e depois em russo na revista teórica de Lênin, *Prosveshchenie*, ou no jornal da ala esquerda *Sovremennii*. Em 1890, consegue uma comissão como *Benützer* (usuário) da Anton Menger Stiftung, que possuía uma biblioteca inestimável dos clássicos anarquistas e socialistas (ao redor de 16.000 livros), para editar documentos da Primeira Internacional. Esse trabalho lhe permite ingressar em importantes bibliotecas e arquivos de toda a Europa. Além do mais, sua amizade com Bebel e Kautsky lhe permite livre acesso à vasta biblioteca do SPD e ao depósito dos *Nachlass* (manuscritos) de Marx e Engels. Sua amizade com a filha de Marx, Laura Lafague, lhe dá a possibilidade de investigar os arquivos familiares. Por exemplo, em

1911, enquanto ordenava esse arquivo, encontrou vários borradores de cartas *in octavo* inéditas: eram as polêmicas respostas de Marx a Vera Zasulich (pôde publicá-las logo, em 1923). Chegado a esse ponto, um contemporâneo podia dizer que Riazanov “conhecia até os pontos e vírgulas dos escritos de Marx e Engels”. E não se equivocava. O SPD o cobra para continuar o irregular trabalho de divulgação de Mehring dos trabalhos esquecidos ou inéditos. Até o final de 1917 Riazanov pôde publicar dois volumes escritos da década de 1850 de Marx e Engels, incluindo em torno de 250 artigos desconhecidos para o grande público de jornais como *The New York Tribune*, *The People's Paper* e *Neue Oder Zeitung*.

Certamente, não deixou a militância: teve destacada participação nas escolas pertencentes às divisões internas do PSDOR; em 1909, com Aleksandr Bogdanov, o líder bolchevique não-leninista, e sua escola de quadros em Capri (financiada por Maxim Gorky); em 1911, na escola de Longjumeau (Paris), dirigida por Lênin. Nesse tempo, foi aliado de Trótski, enfrentando a dupla Plekhánov-Lênin e colaborando no diário menchevique *Golos*. Estourada a guerra em 1914, participou da Conferência de Zimmerwald, organizada por socialistas críticos do socialchovinismo e do imperialismo. A revolução de fevereiro de 1917 o encontra exilado na Suíça. Retorna em maio, atravessando a Alemanha e a Polônia do mesmo modo como fizera Lênin um mês antes, junto com 280 camaradas de todas as cores e tendências (desde os líderes do menchevismo Martov e Axelrod, aos social-revolucionários e anarquistas). Militarará no “Mezhraiontsy”, um grupo interdistrital de Petersburgo, fundado em 1913 por bolcheviques não-leninistas, mencheviques de esquerda e internacionalistas (entre outros: Trotski, Lunacharski, Sukhanov, Joffe, Uritski, etc.). O objetivo da plataforma era unificar as duas frações do POSDR. Em julho-agosto se fundem com os bolcheviques leninistas depois da tentativa de golpe de Estado. Riazanov se transforma em um dos mais proeminentes oradores e ativistas sindicais de antes de outubro de 1917. É eleito para a presidência do II Congresso de todos os soviets, e membro executivo do Conselho Central Sindical da Rússia. Em outubro se opõe ao *putsch* e à insurreição armada proposta por Lênin. Depois da tomada do poder, trabalha como membro executivo do Comissariado da Educação (Narkompros) sob a direção de Lunacharski. Opõe-se às posições do partido em muitas questões cruciais: defende a existência de um sistema soviético pluripartidário, e não deixa de chamar os mencheviques e social-revolucionários de “camaradas”. Opõe--se à ditadura do Comitê Central, às cooptações a dedo, ao uso da força e da repressão contra partidos operários,

à dispersão da recém-eleita Assembléia Constituinte (dominada por mencheviques e S-Rs), à repressão contra os social-revolucionários, ao Tratado de Brest-Litovski. No debate sobre a questão sindical enfrenta Trótski e Lênin, defendendo a independência e a autonomia dos sindicatos. Luta denodadamente pela livre expressão dentro do partido, a legalidade fracional, a genuína democracia. Uma quixotesca cruzada contra a burocracia. Seu prestígio, intelectual e militante, faz com que ninguém tenha autoridade para calá-lo ou tentar expulsá-lo (nem sequer Lênin). Mas pouco a pouco sua influência foi neutralizada, primeiro no âmbito sindical. Riazanov não se amedronta: já morto Lênin e durante o congresso do partido em 1924 declara: “sem direito e responsabilidade de expressar nossas opiniões, isso não pode ser chamado do Partido Comunista”. Num discurso na Kommunitisheskoi Akademii (a Academia de Professores Vermelhos, criada em 1918), declara no mesmo ano: “Não sou bolchevique, não sou menchevique; e não sou leninista. Só sou um marxista, e como marxista, sou comunista.” Sabia que estava condenado.

Riazanov é nomeado diretor dos serviços de arquivos da jovem república em guerra civil e intervenção internacional encoberta. Trabalhará com destreza e enorme energia entre 1918 e 1920. Resgatando bibliotecas, documentos e materiais dos arquivos dos diferentes Estados e administrações, ganha o respeito e a lealdade de muitíssimos especialistas e acadêmicos não-bolcheviques, em especial na Universidade de Moscou. No final de 1920, o Comitê Central lança a idéia de fundar um “Museu do marxismo”, idéia que Riazanov transforma em outra coisa: um instituto, um laboratório no qual historiadores e militantes possam estudar, nas mais favoráveis condições, o nascimento, desenvolvimento e maturação da teoria e da prática do socialismo científico e que, ao mesmo tempo, se transformasse num centro de difusão (“propaganda científica”, nas palavras de Riazanov) do próprio marxismo. O Comitê Central aprova em janeiro de 1921 a fundação do Instituto Marx-Engels (IME), que funcionará a partir de dezembro de 1921 no palácio expropriado um ano antes aos príncipes Dolgorukov, situado no bairro Znamenka, antigamente o setor Malo-Znamenky, durante a União Soviética, rua Marx-Engels (hoje de novo Znamenka). Riazanov acreditava que o marxismo (se é que existe algo assim) não podia ser entendido isolado do contexto histórico. O Instituto pretenderá estudar os clássicos relacionando-os com a ampla história do anarquismo, do socialismo e do movimento operário europeu. O IME incluirá uma biblioteca, um arquivo e um museu, dividido em cinco departamentos (*kabinetts*): Marx e Engels, história do socialismo e o anarquismo, economia política, filosofia e história da



Inglaterra, França e Alemanha. Ao longo dos anos se somaram outros: Primeira e Segunda Internacionais, história da ciência, história da sociologia, história do direito, a política e o Estado, relações internacionais, história do marxismo no movimento operário, etc. Seis meses depois o IME, sob a jurisdição da Academia Socialista, é transferido para a jurisdição do Comitê Executivo do Congresso dos Sovietes (do qual Riazanov era membro). O objetivo? Tirar o Instituto de todo o controle direto do Partido Comunista. Riazanov não sucumbe ao espírito autoritário do *Partiinost* (mentalidade de partido). O IME começa a ser observado como um formador de dissidentes (de um *staff* de 109 membros, somente 39 tinham a carteira do partido).

O coração do Instituto era sua biblioteca. Incluía não só trabalhos escolares sobre a história do anarquismo, do socialismo, do comunismo e do movimento operário, mas livros raros, incunábulo, jornais, pasquins, manuscritos, primeiras edições de clássicos (de Morus e Harrington até o *Manifesto comunista*). Riazanov construiu essa coleção de diversas formas. No começo, o Instituto se aproveitou exclusivamente das bibliotecas nacionalizadas na própria Rússia depois de 1917, como, por exemplo, a de Taniéev, que continha uma excelente coleção de autores socialistas e uma rara coleção de impressos da Revolução Francesa. Certamente, essas fontes restritas foram insuficientes devido à própria política de censura do tzarismo, que impediu a entrada de autores proibidos, incluindo não só socialistas ou anarquistas, mas inclusive autores liberais, como o orientalista Renan, ou historiadores sociais da Revolução Francesa, como Michelet. Riazanov buscou outras opções. Uma era a possibilidade legal de se apropriar, em outras bibliotecas da URSS, de livros que o IME considerasse necessários ou únicos. Outra, que o IME fosse designado o depósito oficial de toda nova edição de um livro (uma lei igual à do British Museum). A terceira é que lhe foi dada uma importante verba para viagens ou para nomear “scouts” que comprassem materiais para o Instituto por todo o mundo. Riazanov criou uma rede internacional de correspondentes autorizados para buscar e adquirir livros raros e manuscritos em todas as capitais européias. Um deles, sobre o qual já escrevemos, Boris Souvarine em Paris; outro importante foi Boris Nicolaievski, em Berlim. Além do mais, tentou desenvolver contatos permanentes com o Japão (Instituto Ohara), Espanha (por meio do tradutor Wenceslao Roces) e Inglaterra. Aproveitando seu passado na Menger Bibliothek, Riazanov adquiriu em Viena duas coleções muito especiais sobre o socialismo, anarquismo e movimento operário. Foram as bibliotecas de Theodore Mautner e Wilhelm Pappenheim (20.000 exemplares, mais um substancial arquivo de documentos, manuscritos e papéis pessoais de Lassalle).

Também a de Carl Grünberg, doada com generosidade, mais de 10.000 exemplares de livros raros, *brochures*, *pamphlets* e jornais do movimento operário. Em 1921 compra a biblioteca do filósofo neokantiano Wilhelm Windelband. Em 1925 adquire a biblioteca mais completa dedicada ao filósofo anarquista Max Stirner, propriedade do poeta, novelista e historiador escocês John Henry Mackay, com trezentos manuscritos e 1.200 livros únicos. Segundo um balaço datado de 1º de janeiro de 1925, a biblioteca do Instituto possuía 15.628 exemplares escolhidos, além de numerosos manuscritos de Marx & Engels e miríades de outros documentos importantíssimos da história e dos integrantes da Primeira Internacional, do saint-simonismo, do fourierismo, tudo de Babeuf e Blanqui e do movimento operário revolucionário e reformista europeu (incluindo um jornal operário editado por Lassalle em sua juventude). Entre as jóias encontradas pelas equipes de Riazanov estavam os periódicos originais em que Marx e Engels haviam colaborado, incluindo o *Vorwärts* publicado por Marx em Paris, em 1844, e a *Rheinische Zeitung*, de 1842-1843. Já em 1930 a biblioteca incluía 450.000 exemplares, a maioria raros e incunábulo. O trabalho de Riazanov, o suporte financeiro numa época de guerra civil, cerco internacional, repressão, revoltas (Kronstad, Mackhhno, Taboc), é inacreditável e fala não só de sua habilidade, mas do extraordinário apoio nas altas esferas do governo bolchevique. Nesses anos, além de Lênin, Riazanov contava com o apoio incondicional de Kamenev, Bukhárin e Kalinin.

Em seguida, lançou seu plano das obras completas de M&E (inclusive de autores pré-marxistas e recrutou, entre 1923 e 1925, especialistas em línguas estrangeiras (francês, inglês, alemão) sem considerar suas velhas alienações pré-1917. A partir de 1924, se lança com extraordinário ímpeto na busca e salvação de todos os materiais documentais para apoiar o lançamento do primeiro volume da MEGA (*Marx-Engels Gesamtausgabe*). Seu sonho era uma edição científica em russo e alemão. Em 1925 Riazanov assinou um convênio com a direção do SPD e o Institut für Sozialforschung, constituindo uma sociedade editora que publicaria, de forma coordenada com o IME, de Moscou, um volume de estudos marxistas de edição regular, o Archiv Marx-Engels, equivalente em alemão de sua versão em russo. Durante quatro ou cinco anos e por todos os países da Europa, as equipes do IME adquirem numerosas bibliotecas privadas que incluíam livros, revistas, diários e coleções raríssimas de panfletos, folhetos, proclamas e programas, que em alguns casos remontavam às origens do movimento operário moderno, do socialismo e do anarquismo. Mas, em especial, se procurou adquirir todas as primeiras edições existentes das obras de Marx e Engels. Assim, junto

com os arquivos herdados do velho PSDOR e dos *narodniki*, constituiu o Instituto, único no mundo em seu gênero, um capital de informação qualitativa sobre Marx e Engels e sua época ideal para iniciar a monumental edição completa projetada por Riazanov.

A obra estava projetada para 42 volumes *in-octavo* (22,5 cm),<sup>5</sup> distribuídos em quatro seções: I) obras filosóficas, econômicas, históricas e políticas, com exceção de *Das Kapital* (17 volumes); II) *Das Kapital*, seguido de um plano completamente novo com todos os borradores e manuscritos inéditos (13 volumes); III) toda a correspondência de Max e Engels reproduzida *in extenso* e literalmente (10 volumes); IV) índice geral (2 volumes). O testamenteiro que detinha os direitos testamentários e autorais sobre a herança literária de Engels e Marx (incluída a biblioteca pessoal de ambos) continuava sendo, em 1921, o SPD, pelo que foi, naturalmente, o principal provedor do Instituto. Abriu seus zelosos arquivos às equipes de Riazanov, autorizando-as a fazer fotocópias sem nenhuma restrição, permitindo de fato uma transferência virtual, para Moscou, do conjunto de preciosos manuscritos. As mesmas facilidades foram dadas por outras instituições, fundações, arquivos pessoais e bibliotecas públicas: fotocopiaram no British Museum, na New York Library, na biblioteca do antigo Estado da Prússia, nos arquivos históricos de Colônia, etc. todas as cartas, artigos e manuscritos de e sobre Engels e Marx, juntamente com documentos sobre a história do movimento operário e popular europeu. Inclusive reacionários mortais ao bolchevismo, como o líder revisionista Eduard Bernstein, em cujas mãos Engels depositara importantes manuscritos (tinha em seu poder, entre outros, os manuscritos da *Deutsche Ideologie*, de 1845-1846) renunciou a um projeto pessoal de edição doando o material inédito.

Num *pamphlet* publicado em 1929, *Katalog Izdaniy*, Riazanov informava como o velho projeto de um “Museu do marxismo” havia se transformado num verdadeiro laboratório para investigadores, acadêmicos, ativistas, quadros e militantes em geral. Salientava, também, a decisiva importância da instituição como amplificadora e divulgadora do autêntico pensamento de Engels e Marx na Rússia e na Alemanha. Paralelamente, iniciou-se uma ampla política de publicações acessórias que acompanharam o projeto da MEGA; projetaram-se duas publicações básicas: uma anual, o *Archiv K. Marksa I F. Engel'sa* e a revista semestral *Letopisi Marksizma* (Anais do Marxismo), no conjunto apareceram 13 números entre 1926 e 1930. Quanto à

---

<sup>5</sup> Aproximadamente o formato 16 x 23 cm usado entre nós (nota do tradutor).

*Letopisi Marksizma*, muitos de seus artigos foram publicados na versão alemã de *Pod Znamenem Marksizma, Unter dem Banner des Marxismus*, que começou a ser editada em alemão em 1925. Ainda que ambas tivessem se iniciado em russo, imediatamente se tentou traduzi-las para o alemão, num enorme esforço político-ideológico, como *Archiv Marx-Engels*. O *Archiv* teve dois ciclos, marcados pela derrota da revolução alemã e a purga de Riazanov. A primeira etapa durou de 1924 até 1930, editando-se cinco números em russo, aparecendo como editor D. B. Rjazanov; o segundo ciclo se iniciou logo em 1933, com o nº 7 tendo como editor V. Adoratski; manteve-se a continuidade da numeração nos três primeiros números (6, 7 e 8), para finalmente ser renumerados como nova série. O último número, nº 18, foi editado em 1982. Enquanto Riazanov tentava manter um ritmo anual, o stalinismo chegou a demorar dez anos entre cada número. A organização “interna” do Instituto foi mostrada num detalhado folheto de 44 páginas, escrito por U. Udalcov, folheto que é atualmente um incunábulo, publicado em Moscou em 1926: *Bulletin’ Instituta K. Marksa I F. Engel’as*. Indubitavelmente, a empresa editorial apontava politicamente para um combate ideológico contra o revisionismo, a vulgarização e a banalização de Marx.

O esforço não acabava aqui: havia se planejado uma “Biblioteca do Materialismo”, com edições críticas de Holbach, Diderot, La Mettrie, etc.; as obras completas de figuras chaves do movimento socialista mundial, como G. V. Plekhánov (o pai do marxismo russo e líder do menchevismo!), Karl Kautsky (o renegado, em 21 volumes *in-octavo!*), Antonio Labriola, Karl Liebknecht, Rosa Luxemburg e Paul Lafargue. Além de uma “Biblioteca Marxista”, incluindo edições anotadas de clássicos do marxismo, entre elas a versão, aos cuidados de Riazanov, do *Manifesto comunista*, uma “Biblioteca de Clássicos da Economia Política”, com Adam Smith, Ricardo, Quesnay. Certamente, edições anotadas de Hegel e Feuerbach. Outra meta de Riazanov era publicar uma ampla e insuperável biografia intelectual de Marx. Nunca pôde completar esse trabalho, nem a de Engels. Seus dois maiores trabalhos dos anos 1920 se aproximam desse desejo: um informe popular sobre a vida e o pensamento de Marx & Engels (1923), baseado em leituras na Academia Socialista,\* e uma coleção de ensaios, *Ocherki po istorii Marksizma* (1923), em dois tomos, uma reimpressão de seus escritos pré-revolucionários. Riazanov não era um pensador original, nem um criador vanguardista: nessas obras expõe Marx a partir de seus textos, os documentos falam por

---

\* Exister uma edição brasileira, D. Riazanov, *Marx-Engels e a história do movimento operário*, tradução Antonio Roberto Bertelli & Jorge Santana (São Paulo: Global Editora, 1984).

si mesmos. Sua relação com os *Nachlass* de Marx e Engels pode ser chamada de “piedade positivista”: o documento é o elemento essencial na investigação histórica. Em 1927 recebe o Prêmio Lênin. Em 1928 é um dos poucos marxistas membros da Academia de Ciência. Em 1930 Riazanov chega ao cume de sua carreira. É reconhecido internacionalmente e sua posição na URSS, já sob Stálin, é aparentemente segura. Em dez anos elevou o Instituto a centro mundial de estudos sobre Marx ou da história social européia. É uma *Meca* para investigadores de todo o mundo: aí chega em 1929 um jovem e brilhante filósofo ianque, Sydney Hook, para trabalhar em sua biblioteca. É visitado por personalidades como Kautsky, Clara Zetkin, Bela Kun, Emile Vandervelde, Albert Thomas, Charles Rappoport, Henri Barbusse, Maxim Gorki. Colaboradores internacionais, incluindo Georg Lukács (que aí leu pela primeira vez os *Manuscritos de 1844*, decisivos para sua formação), Friedrich Pollock (da Escola de Frankfurt), etc. Riazanov mandou construir uma pequena residência anexa ao palácio de onde dirigia o Instituto como um *Grand Seigneur*. Podia-se vê-lo nos jardins, removendo a neve, ajudando o pessoal da limpeza ou reforçando sua estrita proibição de fumar.

Victor Serge, o anarco-comunista que viveu na URSS, nos deixou um vívido retrato de Riazanov em suas *Memoires d'un revolutionnaire*:

Riazanov, um dos fundadores do movimento operário russo (que dirigia o Instituto Marx-Engels), alcançava aos 60 anos o cume de um destino que poderia parecer um êxito excepcional em tempos tão cruéis. Havia consagrado grande parte de sua vida ao estudo mais escrupuloso da biografia e dos textos de Marx; e a revolução o culminara; no partido bolchevique sua independência de espírito era respeitada. Era o único que elevava sua voz incessantemente contra a pena de morte, inclusive durante o terror, reclamando sem parar a estrita limitação dos direitos da Cheka e depois da GPU. Os heréticos de todas as classes, socialistas, mencheviques ou opositores de direita e de esquerda encontravam a paz de trabalho em seu Instituto desde que tivessem amor pelo conhecimento. Continuava sendo o homem que havia dito em plena conferência: “Não sou desses velhos bolcheviques aos quais durante vinte anos Lênin tratou de velhos imbecis.” Encontrei-me com ele várias vezes: corpulento, de braços fortes, barba e bigode espessos e brancos, olhar tenso, fronte olímpica, temperamento atormentado, palavra irônica [...] Naturalmente detinham com freqüência seus colaboradores heréticos e ele os defendia com circunspeção. Tinha entrada livre em todas as partes, os dirigentes temiam um pouco a sua palavra franca.

Um pouco? Stálin visita o IME em 1927, e ao ver os retratos de Marx, Engels e Lênin, pergunta a Riazanov: “Onde está o meu retrato?” Riazanov replica: “Marx e Engels são meus mestres; Lênin foi meu camarada. Mas o que você é para mim?” Em

1929, numa conferência do partido, afirma: “O Politburo já não precisa de nenhum marxista.” Nega-se a participar dos faustos e de subserviência do culto à personalidade nos cinquenta anos do secretário-geral, Stálin. Escolhe seus colaboradores por sua capacidade: estando Trótski exilado em Alma-Ata o contata ... para que trabalhe na edição crítica da obra de Marx, *Herr Vogt!* A imprensa soviética festeja, durante os dias 10 e 11 de março de 1930, os seus 60 anos como um evento nacional. Aparece um livro de jubileu intitulado *O posto de combate*, onde escrevem em sua honra Bukhárin, Kalinin, Rykov e outras figura da *Nomenklatura*. Num comunicado oficial do Comitê Central do Partido Comunista (b), assinado pelo próprio Stálin, se anuncia um futuro promissor de leal serviços ao partido e de glorificação como “um infatigável lutador pelo triunfo das idéias dos grandes mestres do proletariado internacional: Marx, Engels e Lênin”. Como dizia Bardamu-Céline: “Quando os grandes desse mundo começam a nos amar é porque vão nos converter em carne de canhão [...] É o sinal. É infalível.”

Em menos de um ano Riazanov é preso, colocado na prisão, exilado e expulso não só do Instituto, mas do Partido Comunista. Em 15 de fevereiro de 1931, a GPU o detém sob o falso motivo de receber pacotes do estrangeiro, de um suposto “Centro Internacional Menchevique”. É obrigado ao exílio em aldeias perto de Saratov, no Volga. Somente 11 volumes tinham aparecido (de um projeto de 42) e sete estão *in progress* (entre eles os famosos e desconhecidos *Grundrisse...*). Alguns serão continuados por seu sucessor, o *apparatchiki* Victor Adoratski (que logo será objeto da repressão, em 1940). Sob suas ordens foram publicados entre 1931 e 1935 outros seis volumes da MEGA, preparados pela equipe de Riazanov. Em 1936 toda a atividade editorial é suspensa. O último estertor foi a publicação separada, em 1940 (exclusivamente em russo), dos dois volumes dos manuscritos de Marx de 1857-1858, os *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*. O método stalinista foi completo: expulsão, prisão e morte de seus colaboradores, suspensão total do plano editorial, engavetamento das provas impressas, desaparecimento de todas as bibliotecas públicas russas e estrangeiras; *épuration* das obras de Marx e Engels em edições “populares”, com eliminação de toda erudição. Pouco a pouco Stálin foi substituindo a empresa editorial da MEGA por uma série de publicações isoladas, disseminadas, sem nenhum plano conjunto, nem critério filológico e doxográfico.

Riazanov vive às margens do Volga. Condenado à miséria e à fome, à decadência psíquica e física. As bibliotecas e as publicações recebem a ordem de expurgar suas obras e suas edições de Marx. Não existe mais, simplesmente. Vive apenas de traduzir

pequenos textos para a universidade local. Divide suas pobres rações com dezenas de famélicos durante a grande fome de 1932-1933 (quatro anos mais tarde essa “militância” será considerada uma pérfida manobra anti-soviética). Em 11 de junho de 1937 o mundo se sobressaltou diante da notícia da decapitação de toda a cúpula do Exército Soviético. A queda dos generais vermelhos desatou uma explosão de terror em escala nacional, dirigida contra os comandos dirigentes de todos os níveis e em todas as esferas. Pela primeira vez Stálin reprime grande quantidade de pessoas que nunca haviam sido opositores abertos e que sempre haviam se alinhado junto a ele nas disputas internas do partido. A nova política era destruir todos os suspeitos de deslealdades passadas, presentes ou imaginárias a respeito do grupo dirigente de Stálin. Terror cego e de massas. Durante esse ano as “tróikas” (tribunais *ad hoc* de três pessoas) ditariam 688.000 sentenças, a maioria condenações a fuzilamentos. Stálin liquida toda a cúpula do partido em Saratov. Riazanov esperava sua detenção, que se deu na noite de 22 de junho de 1937. Temos a reconstrução de seu duro interrogatório por parte da agora NKVD de Yezov: Riazanov se nega a representar o papel de arrependido, não entra no jogo da delação. Nega uma e outra vez as delirantes acusações. Ele não serve à *Nomenklatura* para o ritual público. Em 19 de janeiro o procurador-geral de Saratov lhe dirigia uma longa acusação de seis páginas, onde, entre outras denúncias, assinala “a extrema hostilidade pessoal de Riazanov a respeito do camarada Stálin”. Em 21 de janeiro de 1938 é julgado a portas fechadas. A sessão é aberta às 19,45 horas e encerrada às 20.00 horas. O Colégio Militar da Corte Suprema da URSS, regional de Saratov, o condena à morte por pertencer a uma “organização terrorista trotskista” e “a difusão de invenções caluniosas sobre o partido e o poder soviético”. É executado. A tragédia humana do terror stalinista se estendia a familiares e amigos. Sabemos que Stálin, Molotov e outros membros do Politburo aprovavam rotineiramente as listas de mulheres (mães, esposas) e filhos dos *enemis deu peuple* que deviam ser reprimidos. No dia seguinte são presos seus familiares diretos.

No dia seguinte, agentes da NKVD chegaram à sua humilde dacha para cumprir a última parte da sentença: confisco de seus bens pessoais e destruição do que for inútil. Carregaram todos os seus livros na parte traseira de um caminhão. Os papéis e notas restantes de Riazanov foram esparramados no chão para alimentar o fogo, incluindo tudo o que se encontrava sobre a sua mesa de estudo. Entre eles, um retrato do jovem Engels com uma dedicatória de próprio punho da filha de Marx, Laura. “Quem é este?”, perguntou um dos milicianos com seu gorro azul-vermelho à sua neta. “É Engels”,

respondeu. “E quem é Engels?”, respondeu o agente enquanto lançava o daguerrótipo às  
chamas.

Recebido em 08 de fevereiro de 2013

Aprovado em 30 de abril de 2013